

Ó Rei é morto; ³⁶⁹ Que viva o Rei!

Passadas as longas aflições vividas pelo País desde o dia 15 de março, data da primeira operação do presidente Tancredo Neves, terminado o seu calvário de seguidas intervenções cirúrgicas e finda a apreensão que todos os brasileiros viveram nesses dias, chega o momento de se pensar e repensar. O Rei é morto. Que viva o Rei!

Nunca o País dependeu tanto de notícias de um hospital. Enquanto os pulmões do Presidente sofriam, os do País paravam em sinal de alerta. A televisão, endoidecendo todo o mundo, dia e noite não parava de dar informações. E criou-se uma verdadeira maratona.

Por outro lado, o povo sofrido e espoliado, queria se agarrar a uma tábua de salvação, Tancredo Neves, que de uma hora para outra, encarnou o espírito do Brasil. Nada mais se fez que não fosse em seu nome.

Sepultado o Presidente, resta dele a mensagem, que não devemos perder. O povo precisa ser assistido. A última geração de brasileiros precisa conhecer o que é liberdade e oportunidade. Não a liberdade de ofender os outros em praça pública, mas a liberdade de estudar, de viver, de comer e de vestir. Esta é a liberdade de que somos mais carentes.

O carisma do Presidente morto envolveu a todos. O povo ficou hipnotizado pelo espectro da morte, que ninguém queria e na qual poucos acreditavam.

A Constituição pôs o presidente Sarney onde ele está. O País tem a obrigação de mantê-la. Só o patriotismo nos salvará dos caminhos tortuosos que temos percorrido nos últimos anos. Os propósitos de Sarney são os de continuar a obra de Tancredo. Mas, para tanto, não pode ser um carbono. Tem que ter o seu toque pessoal, a presença de sua personalidade. É hora de o País obedecer para crescer e cobrar, para melhorar. Não será novidade se surgirem os que defenderão alteração na Constituição em benefício próprio, mas estes já são conhecidos. O povo já sofreu demais; não terá ouvidos para isto. Vamos com Sarney até o final do seu mandato, para criar uma tradição de democracia, que a posteridade possa honrar em nosso nome. Abramos mão do interesse pessoal e imediato para se fazer um Brasil forte e honrado, que não precisa estar mendigando créditos sem produzir o suficiente para pagar.